

VIANINHA – UM DRAMATURGO NO CORAÇÃO DE SEU TEMPO

Sandra C. A. PELEGRINI*

PATRIOTA, R. *Vianinha* – um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999.

Ao mergulharmos no livro *Vianinha* – um dramaturgo no coração de seu tempo, percebemos que um dos méritos mais evidentes do volume – resultante da pesquisa de doutoramento da autora – é o de não se furtar ao enfrentamento das armadilhas metodológicas resultantes das articulações entre a arte e a História. Nessa direção, procura contextualizar o processo criador de Oduvaldo Vianna Filho, um dos mais significativos dramaturgos brasileiros da década de 70. Na esfera da produção historiográfica, o trabalho chama a atenção pois procura compreender a obra de Vianinha a partir do conceito de memória e aponta procedimentos necessários ao trato do texto teatral como documento da pesquisa histórica.

O estudo desenvolvido por Rosângela Patriota vem ao encontro de uma série de outras pesquisas, cuja abordagem se aproxima da chamada História Nova, também denominada por Ciro Flamarión Cardoso, na coletânea *Domínios da História*¹ de paradigma “iluminista”. Mas, opondo-se ao método estritamente hermenêutico, a metodologia adotada pela autora tem a vantagem de evitar os excessos do anticientificismo obscurantista e de reconhecer aquilo que Marc Bloch e Lucien Febvre, fundadores dos *Annales*, entenderam como fonte histórica, qual seja, toda a produção material e espiritual do homem. Tais historiadores seriam enfáticos ao afirmarem: “...tudo o que, sendo do próprio homem (...) o exprime, torna significante a sua presen-

* Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. CEP 87020-900, E-mail: spelegrini@wnet.com.br

¹ Cf. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 1-23.

ça, atividade, gosto e maneira de ser.”² Em outras palavras, essa interpretação do *corpus* documental implicaria numa total transformação da ótica tradicional da história. Dessa época para cá, as noções de documento e de produção de texto muito se ampliaram, de modo que a dramaturgia e outras formas de arte se tornaram alvos suscetíveis da leitura, da crítica e da interpretação dos historiadores.

Nessa trajetória, as inferências de Patriota objetam visões cristalizadas sobre a obra de Oduvaldo Vianna Filho, desmistificando a noção de perenidade que envolve alguns textos teatrais, e ainda, apontam diferenciais níveis de problematização das questões colocadas pelo conceito de Teatro Político. Pautando-se por um meticuloso levantamento de textos dramáticos, entrevistas e críticas sobre a referida obra, a autora vai colocando em xeque algumas das premissas que nortearam as análises da peça *Rasga Coração*, efetuadas por críticos teatrais.

Nesse sentido, o volume sugere que a idealização de *Rasga Coração*, por parte da imprensa paulista e carioca, como símbolo da luta pela redemocratização do país implicou num amplo leque de alianças em torno da defesa da liberdade de participação e de expressão no final dos anos setenta. Fundamentada no inventário das concepções estéticas e políticas, idéias e projetos dos próprios críticos, a autora termina concluindo que eles foram responsáveis pela produção de uma dada memória que, em última instância, promoveu a classificação e, consequentemente, a hierarquização da obra do dramaturgo.

No capítulo *Vianinha e Rasga Coração na construção da resistência democrática*, primeiro de uma série de quatro, Patriota reúne opiniões de críticos de teatro sobre a importância do autor e sua produção, procurando ressaltar a importância do papel assumido pelos órgãos de imprensa na luta pelo Estado de Direito e pelo restabelecimento das liberdades democráticas no Brasil, durante a Ditadura Militar. À título introdutório, tece considerações sobre a conjuntura política-social do Brasil, no chamado período de distensão lenta e gradual anunciada pelo general Ernesto Geisel (1974-1979). No capítulo seguinte, procura acompanhar o percurso teatral do dramaturgo por intermédio da crítica especializada, aspecto que

2 Cf. BLOCH, M. *Introdução à História*. 4. ed. Lisboa: Europa-América, [19-]; FEBVRE, L. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1985. p. 249.

tenderia a traduzir uma determinada interpretação sobre sua obra. Esse encaminhamento desnuda a existência de um projeto comum entre o autor e seus críticos, cujo objetivo principal incidia na tentativa de transformar o teatro brasileiro num espaço de representação de interesses das camadas populares da sociedade.

Para melhor explicitar essas articulações, a autora transcreveu as opiniões dos críticos acerca das peças produzidas, detectando a sistemática tentativa dos mesmos assinalarem uma dada matriz conceitual que pressupunha uma evolução temática e estética e, em última instância, respaldava a identificação da “obra-prima” do dramaturgo. Distanciando-se das vozes pseudo-autorizadas dos especialistas, Patriota percorre outra trajetória e termina equacionando duas questões fundamentais: a primeira, diz respeito à apropriação pertinente à localização da obra-prima no percurso criador do autor. A segunda, evidencia as conexões entre a confecção da obra e o processo histórico.

Após o levantamento do material publicado nos jornais, a autora se remete às influências que esse tipo de interpretação teria tido na esfera das pesquisas acadêmicas interessadas na mesma problemática. Ao se deparar com biografias e ensaios cujo objetivo principal era analisar essa dramaturgia no cerne do cenário teatral, levanta vários trabalhos fundamentados na idéia da autonomia da obra de arte, e ainda, pesquisas que reforçam as opiniões e o mito criado pela crítica. Metodologicamente, a autora optou pela tessitura de um balanço da produção acadêmica, confrontando nesse campo a memória produzida pelos especialistas e o momento da escritura das peças comentadas. Detectando, por um lado, certa identidade entre a proposta desenvolvida por Vianinha e os estudiosos da obra, e por outro, divergências estéticas e ideológicas entre eles, conclui que ambos os eixos interpretativos acabam por posicionar-se como advogados de acusação ou defesa, atitude que desencadeia a supressão daquilo que Patriota considera um dos elementos mais importantes da criação do dramaturgo, ou seja, a sua *historicidade*.

Ao constatar o referido equívoco em parte considerável dessa produção acadêmica, Patriota parte para a discussão dos universos que envolveram a produção dos textos das peças, suas opções estéticas, teóricas, políticas e ideológicas. Depois, procura localizar a produção do dramaturgo no âmbito do teatro brasileiro, tendendo a demarcar diferentes projetos nos

quais o mesmo se envolveu durante a participação no Teatro de Arena, no Centro Popular de Cultura (CPC), no Grupo Opinião. Analisa também, algumas crônicas e escritos de diferenciados gêneros literários redigidos entre 1958 e 1974, que lançaram luz sobre as vontades políticas de Vianinha e pontuam a dimensão de sua indignação frente ao golpe de 1964.

Embora não se disponha a discutir as celeumas que envolveram a caracterização conceitual do 31 de março (quer como golpe de classe, quer como golpe de Estado) e também não se tenha detido numa discussão mais aprofundada acerca da participação de Oduvaldo Vianna Filho no cinema e nas emissoras de televisão (TV Tupi e Rede Globo), Patriota ao questionar as análises totalizantes, ancoradas na imputação de uma carga valorativa da arte (base da hierarquização das peças), empreende uma análise que enfoca a figura do dramaturgo como agente do processo histórico, chamando a atenção para o fato de que a relação autor/obra se faz mediante o desenrolar da luta política. Nesse sentido, rompe com a perspectiva evolutiva imputada ao conjunto da obra e ressalta os vínculos entre a militância (detectada ao longo do percurso criador do artista) e a textura do cenário teatral então emergente. Reconhece que a tônica dessa produção centrava-se na sintonia com o vivido, com as adversidades sociopolíticas que precederam o golpe, envolveram o pós-golpe e a organização da resistência democrática frente a crescente militarização da sociedade brasileira.

Entendendo que a produção de Oduvaldo Vianna Filho esteve pautada pelos referenciais da “arte combativa”, propensa a discutir os conflitos da sociedade brasileira, a autora afirma que o dramaturgo fez de seu trabalho um instrumento de luta, de intervenção política e conscientização de grupos sociais. Matizando tais pressupostos, Patriota procura localizar nessa dramaturgia determinados marcos políticos e teóricos que remetem a obra aos referenciais do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Nesse mesmo sentido, termina justificando que algumas problemáticas exploradas por Vianinha em suas peças estão diretamente vinculadas às interpretações da “realidade brasileira” expressas nas propostas do PCB. Ainda assim, argumenta que esses possíveis limites da produção do dramaturgo podem ser melhor balizados se forem levados em consideração os intensos debates sobre o caráter universalizante da cultura e as noções de modernização, progresso e comiseração social presentes no pensamento político e nas práticas intelectuais, nos anos 60 e 70.

Imbuída de um espírito crítico aguçado, a pesquisa realizada por Patriota evidencia que os marcos temporais e as qualificações que visam homogeneizar esta produção dramatúrgica se diluem quando cotejados ao momento de constituição das peças. Aspecto que sintetizaria a impossibilidade de pensar o conjunto dessa dramaturgia de maneira evolutiva. E mais, considerando que a tentativa de homogeneização da obra de Oduvaldo Vianna Filho e a sua transformação em símbolo de uma geração teria sido fruto de análises totalizantes, incapazes de perceber que o apuramento estético e formal não se deu de maneira gradativa, nem tampouco uniforme, conclui afirmando que esse viés interpretativo acaba por negar a polêmica trajetória do dramaturgo e desqualifica a sua obra pois suprime a reflexão social e o embate político – duas de suas características essenciais.

A verticalização das premissas do trabalho são melhor sistematizadas no momento em que a autora se ocupa da análise da peça *Rasga Coração*, escrita em 1974. Eleita pela crítica como obra-síntese de Vianinha, mas implacavelmente censurada pelo Ministério da Justiça do Regime Militar até 1979, este espetáculo esboça os impasses que envolviam a conjuntura política vivenciada pela esquerda brasileira, especialmente, pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) nos anos de acirramento da ditadura. Portanto, na ótica de Rosângela Patriota, a transformação de *Rasga Coração* em texto – chave do conjunto da obra de Vianinha – estaria diretamente ligado a redefinições que seriam acrescentadas à obra a partir de 1979 (período da chamada resistência democrática), que, por sua vez, resultaria no sufocamento das preocupações originais do texto. Mediante o acompanhamento da estrutura e da proposta temática de *Rasga Coração*, a autora aponta percepções que tendem a vislumbrar o artista como agente político de seu tempo, perplexo diante da ausência do Estado de Direito.

Trata-se de uma iniciativa ousada, tanto pela complexidade inerente ao conjunto da obra de Oduvaldo Vianna Filho, como pela proposta de repensar as significações consagradas na literatura que se ocupa da referida peça teatral. Se, uma ressalva pudesse ser feita ao trabalho, seria a de que pudesse ter investigado um público mais amplo, não restrito apenas à crítica especializada. Contudo, tal opção, certamente, implicaria o desenvolvimento de uma outra pesquisa voltada para as diversas modalidades de recepção, diretas ou indiretas, daquela produção.